

A PROBLEMÁTICA DA ÁREA INDÍGENA RAPOSA-SERRA DO SOL

Aildon Dornellas de Carvalho

Cel Av

Antecedentes

No, Brasil a criação de “*terras indígenas*” data de 1947. As terras reservadas para tal fim representam 11% do território nacional.

Somente em 1980 a FUNAI foi o órgão designado para os ESTUDOS e a SELEÇÃO das áreas a serem demarcadas, dentre mais de três centenas.

Na Amazônia havia uma estimativa de 210 etnias e cerca de 144.000 indígenas, dez áreas de grande porte e centenas de pequeno porte, correspondendo a 20% da região.

A demarcação é descritiva, baseada em mapas da FUNAI, promulgada por decreto-lei, com origens no Ministério da Justiça. Deve assegurar a sobrevivência, a preservação étnico-cultural, as tradicionais áreas de caça e pesca, a segurança e o registro no PATRIMÔNIO da UNIÃO. Modernamente, foram acrescentadas “*áreas de trânsito*”, o que aumentou, consideravelmente, as terras indígenas.

Em Roraima, foram demarcadas: a área “*YANOMAM*”, em 1991, com 94.000 km² (tamanho dos países da extrema Europa Ocidental), e cerca de 9.000 índios, na região noroeste; e RAPOSA-SERRA DO SOL, em 2005, com 1,747 mil km² e cerca de 9.000 “*caboclos*”, agregados com os “*vaqueiros*”.

A estimativa nacional da FUNAI subiu, rapidamente, para 351.000 índios, o que demonstra a não confiabilidade nos dados estatísticos.

O termo “*YANOMAM*” foi adotado em 1988 pela ONG de Claudia ANDUJAR, fotógrafa belga, englobando as tribos tradicionais (AUARIS, MAIONGONGS, ECUANAS, GUINAUS, UAICÁS, XIRIANAS, GUARIBAS, ARECUNAS).

...Uma Problemática Forjada

A problemática da área Raposa-Serra do Sol está na intransigência do Governo em não considerar as “*áreas-ilhas*”, que beneficiariam, também os fazendeiros, a maioria com TÍTULOS DEFINITIVOS desde 1927.

Os caboclos aculturados são: MAKUXIS, UAPIXANAS, SAPARÁS, TUALIPANGS, INGARICÓS, PAKUS, SOCÓS, PATAMONAS etc.

Roraima ainda possui duas reservas: Waimiri Atroaris (350 indivíduos, ao sul da BR-174) e poucas aldeias dos imponentes WAI-WAI, no MAPUERA, atualmente concentrados em PORTO TROMBETAS. A “*área contínua*” acabou com os tradicionais pólos econômicos – agropecuária e garimpo – e, inviabilizou a agricultura do arroz, único aporte da moderna tecnologia. Equipamentos holandeses de última geração são, hoje, monstros agonizantes da oxidação.

Os Pólos Econômicos

A Pecuária: Historicamente, o gado foi introduzido no Rio Branco em 1787, por Lobo D’Almada, capitão de Barcelos. Além do reconhecimento dos “*campos gerais*”, aprovou a localização do Forte São Joaquim e ajudou na implantação de três “*Fazendas Del Rey*”.

Em 1927, vieram os fazendeiros nordestinos. Em 1939, já havia fazenda com 3.000 cabeças.

Foi instituído o “*regime da quarta*” já adotado pelas fazendas da Igreja em São Marcos e Alto Surumu (de cada quatro rezes criadas, uma era do vaqueiro). A meta era a ENGORDA nos sopés das serras e a exportação para abate em Manaus.

O que seria a demarcação em torno das malocas, em 1980, tornou-se uma intransigente disputa. De um lado, mais radicais, as ONGs, o CIMI, a CIR incitando a técnica de guerrilha, na suposta defesa das minorias oprimidas e dos objetivos sociológicos da FUNAI e do IBAMA.

Os fazendeiros limitavam-se a contabilizar o prejuízo (algumas fazendas perderam 6.000 cabeças em cinco anos).

Daí para a frente, a proibição do trânsito dos brancos e a demarcação contínua foi uma demonstração de força do Governo.

A Garimpagem: Grande parte do desenvolvimento e da povoação do Brasil deve-se ao heroísmo dos garimpeiros. As “*Minas Gerais*”, Goiás, Cuiabá, até à Bahia e ao Piauí, com suas pedras brancas e coloridas.

Atualmente, a Amazônia tem as maiores produções de ouro em Serra Pelada, Rio Maria, Redenção, Vale do Tapajós, Madeira, Calçoene etc. Em Roraima, os garimpeiros chegaram cheios de esperança no início da década de 1930. Não se pode negar os vícios que contaminaram os índios e o povoamento do interior, com a corrida do ouro no MAU (1932), o faiscar de pequenas pedras no Quinô e na Serra do Sol (1934), além da explosão de garimpos na Serra do Tepequém (1935). Apareceram as figuras dos donos de barranco, dos diamantários, dos intermediários e dos intrépidos aviadores que apóiam os garimpeiros.

Os sonhos foram contaminados pela esperança de “*bamburra*” (encontrar um grande veio ou uma grande pedra).

Enquanto a sorte não acontecia, os garimpeiros aumentaram a circulação monetária em Boa Vista, mas também, não tendo como vender, contrabandeavam as maiores pedras e pepitas para São Paulo, Rotterdam e Israel.

No período entre 1947 e 1950 já era considerável a produção de diamantes (19.000/13.000 quilates). Em 1990, Boa Vista foi “*invadida*” por 80.000 garimpeiros e 200 avionetas. A corrida movimentou 85.000 quilates de diamantes e 5.646 kg de ouro.

O garimpo foi fechado pelo Governo, em 1992.

Paráguá, o segundo rio diamantífero do mundo, vende sua produção para o Banco Venezuelano, ao preço do dia, em agências próximas aos garimpos.

Hoje o “*monumento ao garimpeiro*” na praça do centro cívico de Boa Vista, é um marco-fantasma, uma imagem distorcida, de um passado de sonhos.

Finalmente

É difícil opinar sobre fatos consumados. Como se trata de um decreto-lei, é possível uma alteração política. Na prática, os neurônios recebem sinais distorcidos; mesmo assim, ambos os contendores jogaram suas fichas.

A sociedade atônita não compreende como atividades econômicas tradicionais e de desenvolvimento sustentável são trocadas por **áreas indígenas sem planejamentos diretos nem alternativos**.

Em consequência, houve um aborto da agricultura do arroz e da soja, onde foram investidos equipamentos de alta tecnologia. Também não entendemos o não aproveitamento da experiência dos Projetos Calha Norte (1986) e SIVAM (1997).

A arrogância dos caboclos proibindo o trânsito dos brancos renova a síndrome do medo a 6.000 habitantes de Pacaraima, 2.000 de Uiramutã e de Normandia e 1.000 de Surumu.

As flexas da radicalização, com o curare dos interesses internacionais, forjaram uma área problemática, com a conivência da lentidão da Justiça e decisões tomadas a 2.400 km do foco.

Fecham-se as cortinas. Um fim melancólico para 72 anos de trabalho. Por ser tão inverossímil, é possível que novos sonhos acalentem novas esperanças.

A História registra atos e fatos, mas somente as verdades históricas permanecem.

As ONGs escondem as suas verdadeiras intenções e corrompem aqueles que, como os avestruzes, se iludem que não prejudicam o Brasil e se vendem por trinta dinheiros